

A representação do autismo no seriado *Atypical*

João Ferreira Malafaia Macedo

Resumo

A pesquisa busca analisar a representação do Transtorno do Espectro Autista (TEA) no seriado estadunidense *Atypical* (2017). Tendo como base alguns conceitos como os de estereótipo (FILHO, 2005), identidade e diferença (WOODWARD, 2000), representação (HALL, 1980) e neurodiversidade (BLUME, 1998 e SINGER, 1999), a pesquisa traça como a imagem do jovem com autismo, Sam Garner, é construída pelos elementos narrativos da série. Tendo em vista que o autismo é uma síndrome composta por múltiplas características, independentes entre si ou não, e diferentes graus de manifestação, a pesquisa analisa como o seriado retrata essas manifestações, se são exageradas, dramatizadas, engrandecidas ou diminuídas e por quê foram.

Objeto de pesquisa

Atypical é um seriado estadunidense de comédia dramática, escrito e dirigido por Robia Rashid, produzido e veiculado pela plataforma Netflix. Estreando dia 11/08/2017, a série conta a história de Sam Gardner (Keir Gilchrist), um jovem com Transtorno do Espectro Autista, sua convivência com amigos, família e namorada, e a busca pela independência, seja ela econômica, social e/ou emocional.

A série entrou para o catálogo de sucessos da Netflix por ter um clima leve e descontraído, mas dando relevância e mostrando a importância sobre a discussão do tema. Logo que foi lançada a primeira temporada, ela foi abraçada e aplaudida por muitos¹, por trazer o tema de maneira explícita e não subjetiva, como algumas produções fizeram. Mas também foi criticada por trazer poucas pessoas com TEA no elenco e na produção².

Essa foi uma questão ouvida e melhorada pelos produtores das séries nas temporadas seguintes³. Para a segunda e terceira temporadas, Rashid trouxe um especialista e autor de dentro do espectro autista, David Finch, para ajudar no roteiro e na construção da personagem

¹ CHANEY, Jen. *Atypical* Is a Sensitive Look at Life With Autism. **Vulture**, 10 ago.. 2017. Disponível em: <<https://www.vulture.com/2017/08/atypical-review.html>>. Acesso em: 28 set. 2020.

² MURRAY, Noel. My teen son has autism. Here's what Netflix's new dramedy *Atypical* gets wrong. **The Week**, 11 ago. 2017. Disponível em: <<https://theweek.com/articles/716821/teen-son-autism-heres-what-netflixs-new-dramedy-atypical-gets-wrong>>. Acessado em 28 set. 2020.

³ LUTERMAN, Sara. How Season 2 of '*Atypical*' Improves the Show's Depictions of Life as an Autistic Person. **The New York Times**. 11 set. 2018, Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2018/09/11/arts/atypical-season-2-autistic-depiction-improvements.html>>. Acessado em 3 out.. 2020.

principal, Sam, além de trazer inclusão de atores com TEA no elenco, que fazem parte de um grupo do colegial, mostrando diferentes possíveis e reais vozes de dentro do espectro autista.

Objetivos

Entre os objetivos da pesquisa encontram-se: a análise da representação do autismo na série *Atypical* a partir dos conceitos de identidade e diferença, estereótipos e estigmas, representação, sentido e linguagem; e a análise da linguagem usada pela série para a criação de uma representatividade crível e adequada, ou não.

Aportes teóricos

Como referencial teórico da minha pesquisa, eu tive grande influência de três autores: Kathryn Woodward (2000); João Freire Filho(2005); e Stuart Hall (1980).

Separei meu aporte teórico em três nichos: Auto-identificação e identificação do outro; Representação; e Estereótipos e estigmas. Os três autores circularam entre os três nichos.

No primeiro nicho, expus como o que vemos retratado na mídia de massa, comumente, tende a beirar o que, de acordo com João Freire Filho, é a construção do que deveríamos ser e de como deveríamos enxergar o mundo.

As indústrias da cultura fornecem descrições textuais e visuais daquilo que é conveniente em matéria de personalidade, aparência, conduta moral e cívica, postura política, relacionamento afetivo e comportamento sexual a partir dos quais os consumidores podem construir o seu senso do que significa ser “moderno”, “civilizado”, “cidadão”, “vitorioso”; “atraente”, “cool”, “in”, “fashion”. (Filho, 2005, p. 21)

Assim, a identidade depende de algo externo para existir, algo que ela certamente não é, mas que fornece as condições para a sua existência e identificação. É através dessa dicotomia nós/eles; homem/mulher; sagrado/profano; e, como é o caso deste artigo, neurotípico e “neuroatípico” que reconhecemos a nós mesmos, reconhecemos os outros, nos e os colocamos em determinadas classificações. Nós entendemos quem somos porque sabemos que não somos os outros, seja pela nossa raça, pela nossa nacionalidade, nossa classe, nosso sexo, nosso credo ou qualquer outro que difira o eu do outro. “A identidade é, assim, marcada pela diferença” (Woodward, 2000).

Na segunda classificação, trouxe a ideia que, sucintamente, a “representação diz respeito à produção de sentido pela linguagem” (Hall, 1980). Mas, por tratarmos de um discurso que está em constante renovação e que é propagado para, recebido e, portanto,

interpretado por uma miríade de espectadores com diferentes construções, experiências e repertórios, o sentido dessa representação nunca é fixo ou o mesmo para todos.

O sentido deve ser ativamente “lido” ou “interpretado”. Conseqüentemente, há uma imprecisão necessária e inevitável sobre a linguagem. O sentido que nós captamos, como espectadores, leitores ou público, nunca é exatamente o sentido que foi dado pelo interlocutor, escritor ou pelos outros espectadores. (Hall, 1980, p. 60)

E no terceiro e último tópico, falei de como os estereótipos propostos pela indústria cultural, ao passo que servem para simplificar identidades e torná-las mais fáceis de serem processadas e entendidas, principalmente em sociedades globalizadas e plurais, também engessam os processos de compreensão das diferentes realidades. Assim, são criados moldes identitários dentro dos quais as representações se encaixam.

[...] ambicionam impedir qualquer flexibilidade de pensamento na apreensão, avaliação ou comunicação de uma realidade ou alteridade, em prol da manutenção e da reprodução das relações de poder, desigualdade e exploração; da justificação e da racionalização de comportamentos hostis e, in extremis, letais. (Filho, 2005, p. 22)

Metodologia

A metodologia inicial foi relacionada a estudos sobre o Transtorno do Espectro Autista. A partir da leitura de livros e textos como *Longe da Árvore: pais, filhos e a busca da identidade*, *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais DSM - 5*, a Folha Informativa da Organização Mundial da Saúde (OMS) de 2017 e *Olhe nos meus olhos: minha vida com a síndrome de Asperger*, criei uma base sólida para entender a síndrome.

Em seguida, assisti ao seriado pela segunda vez, agora com essa noção maior sobre o TEA, e fui realizando anotações sobre as cenas onde a identidade da personagem principal, enquanto de dentro do espectro autista, era criada.

Após esse exercício, li os textos teóricos e os separei em três nichos, como já explicado, a partir dos quais seria possível estudar a representação e a criação de uma possível identidade do TEA no seriado.

Assim, realizei uma terceira maratona do seriado, agora analisando as cenas a partir do embasamento teórico.

Principais achados

Dentre os principais achados parciais, estão os relacionados à construção da personagem Sam Gardner, e da construção das cenas.

A personagem possui traços comumente relacionados ao estereótipo do autismo. Ele é um adolescente extremamente organizado e metódico, que mantém anotações, em volumes de diários, sobre o seu dia a dia. Além disso, ele costuma fazer Sam é muito interessado em assuntos relacionados ao mundo animal, principalmente com pinguins, é quase uma fixação que ele tem. Isso é comum em pessoas com TEA, elas podem falar demorada, confusa e repetidamente sobre seus objetos ou assuntos prediletos, normalmente num tipo de monólogo ou conversa alheia à que acontecia.⁴

Em paralelo a essas características que estão atreladas ao TEA, Sam também apresenta questões comuns para um garoto da sua idade. Durante a série, muitas questões típicas da adolescência e que normalmente aparecem em outras produções audiovisuais são abordadas, como a perda da virgindade, a necessidade e o medo de pensar num futuro além da escola, a perda de amigos e de pessoas importantes e o *bullying*.

Sobre as cenas, podemos encontrar muitas que usam da dramatização e da miríade de linguagens do audiovisual para transmitir as diferenças de Sam.

Por mais que o mundo da história não seja o mundo real, mas uma adaptação dele (Truby, 2008), as narrativas e mensagens passadas, criadas cuidadosamente com toda uma linguagem a ser interpretada, criam e dão sentido às pessoas, objetos e acontecimentos aos quais aquela narrativa diz respeito (Hall, 1980). Dessa forma, as histórias não retratam a vida real, mas criam o repertório e o universo simbólico base, sobre o assunto, para o receptor da mensagem.

Atypical, sendo parte da indústria da cultura, também é capaz de escolher, difundir e legitimar rótulos (Filho, 2005), escolhendo retratar na cena mais memorável da temporada o atributo estigmatizado mais usado para transformar a subjetividade do TEA em uma característica pouco flexível.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Artmed Editora, 2014.

BLUME, Harvey. Neurodiversity: On the neurological underpinnings of geekdom. **The Atlantic**, v. 30, 1998.

⁴ SOLOMON, Andrew. **Longe da Árvore: Pais, filhos e a busca da identidade**. Editora Companhia das Letras, 2013. p. 266

COELHO, Giselle Freire Borges. Jornalismo, interpretação e compreensão: caminhos para inclusão de crianças com deficiências nas narrativas midiáticas. Programa de pós-graduação - mestrado em comunicação, Faculdade Cásper Líbero, 2018.

COIRO-MORAES, Ana Luiza. As personagens-tipo da síndrome do protagonista midiático. **Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, v. 12, n. 23, 2013.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista brasileira de educação**, n. 23, p. 36-61, 2003.

FREIRE FILHO, João. Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, n. 28, p. 18-29, 2005.

HALL, Stuart. O papel da representação. in. **Cultura e representação. Rio de Janeiro: Ed: PUC-Rio: Apicuri**, 2016.

LACERDA, Lucelmo. Luz, Câmera, Estereótipo-Ação! A representação do autismo nas séries de TV. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 17, n. 193, p. 13-22, 2017.

ROBISON, John Elder. Olhe nos meus olhos: minha vida com a Síndrome de Asperger. Tradução Júlio de Andrade Filho. São Paulo: **Laurousse do Brasil**, 2008.

SINGER, Judy. Why can't you be normal for once in your life? From a problem with no name to the emergence of a new category of difference. **Disability discourse**, p. 59-70, 1999.

SOLOMON, Andrew. **Longe da árvore: pais, filhos e a busca da identidade**. Editora Companhia das Letras, 2013.

TRUBY, John. **The anatomy of story: 22 steps to becoming a master storyteller**. Farrar, Straus and Giroux, 2008.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes**, p. 7-72, 2000.